

Efeitos da nova cultura do capitalismo no modo de pesquisar

DOI: 10.5935/1984-9044.20210022

Daniela Cabrini¹, Carlos Eduardo Lopes²

Resumo: Analisando o sistema econômico em vigor, alguns autores têm argumentado que, atualmente, vivemos na nova cultura do capitalismo, caracterizada por uma estrutura econômica flexível, que exige dos trabalhadores algo muito além de seus próprios limites, capacidades e concepções morais. Trata-se de uma organização sem visão de longo prazo, fixando os empregados nos dilemas do presente e em uma atividade de trabalho com tarefas inócuas e acrílicas. Parece que esse modelo social tem influenciado também o trabalho acadêmico, levando ao produtivismo desenfreado e tornando o conteúdo científico acrílico e estático. Partindo dessas análises do contexto contemporâneo, esta pesquisa teve como objetivo investigar a experiência de alunos de pós-graduação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza empírica exploratória, na qual foram entrevistados seis alunos de um dos programas de pós-graduação mais bem avaliados da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Os resultados mostram que os alunos vivenciam práticas bastante consistentes com a nova cultura do capitalismo. Esse cenário cria desafios futuros para se pensar em uma nova forma de produção acadêmica, orientada por um conhecimento científico não apenas coerente, mas também decente.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Acadêmica; Pós-Graduação; Nova Cultura Do Capitalismo.

Effects of the new capitalism culture on research ways

Abstract: Analyzing the economic system in force, some authors have argued that, currently, we live in the new culture of capitalism, characterized by a flexible economic structure, which demands from workers something far beyond their own limits, capabilities and moral conceptions. It is an organization without a long-term vision, fixing employees in the dilemmas of the present and in a work activity with innocuous and uncritical tasks. It seems that this social model has also influenced academic work, leading to unbridled productivism and making scientific content uncritical and static. Based on these analyzes of the contemporary context, this research aimed to

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis

² Universidade Estadual de Maringá (UEM)

investigate the experience of graduate students. For that, an exploratory empirical research was carried out, in which six students from one of the best evaluated graduate programs at the State University of Maringá (UEM) were interviewed. The results show that students experience practices that are quite consistent with the new culture of capitalism. This scenario creates future challenges for thinking about a new form of academic production, guided by scientific knowledge that is not only coherent, but also decent.

KEYWORD: Academic Research; Postgraduate Studies; New Culture Of Capitalism.

Efectos de la nueva cultura del capitalismo en el modo de investigación

Resumen: Analizando el sistema económico vigente, algunos autores han argumentado que, actualmente, vivimos en la nueva cultura del capitalismo, caracterizada por una estructura económica flexible, que exige de los trabajadores algo mucho más allá de sus propios límites, capacidades y concepciones morales. Es una organización sin visión de largo plazo, fijando a los empleados en los dilemas del presente y en una actividad laboral con tareas inocuas y acrílicas. Parece que este modelo social también ha influido en el trabajo académico, conduciendo a un productivismo desenfrenado y haciendo acrílico y estático el contenido científico. Con base en estos análisis del contexto contemporáneo, esta investigación tuvo como objetivo investigar la experiencia de los estudiantes de posgrado. Para ello, se realizó una investigación empírica exploratoria, en la que se entrevistó a seis estudiantes de uno de los programas de posgrado mejor evaluados de la Universidad Estadual de Maringá (UEM). Los resultados muestran que los estudiantes experimentan prácticas bastante acordes con la nueva cultura del capitalismo. Este escenario crea desafíos de futuro para pensar una nueva forma de producción académica, guiada por un conocimiento científico que no solo sea coherente, sino también digno.

PALABRAS LLAVE: Investigación Académica; Posgraduación; Nueva Cultura Del Capitalism

Introdução

Nas últimas décadas a sociedade sofreu mudanças drásticas em diferentes domínios.

O desenvolvimento tecnológico, bem como as formas de organização econômica tem alterado a experiência humana no lazer, no

alcance das relações interpessoais, nas configurações do ambiente de trabalho e assim por diante.

Esta pesquisa parte do pressuposto que todo progresso é acompanhado de regressos e, nesse caso, as consequências são alarmantes. A sociedade atual assenta-se em uma nova lógica, na qual a velocidade das informações aumentou, juntamente com a apatia dos indivíduos perante as situações vividas e a fragilidade de relações interpessoais em diferentes âmbitos sociais (Bauman, 2011).

Sennett (2009) sistematiza essas características da contemporaneidade por meio do termo “nova cultura do capitalismo”. Para esse autor, nos encontramos em uma lógica da estrutura capitalista diferente da de décadas atrás. Houve uma reestruturação na burocracia das empresas, em particular, e de práticas culturais,

em geral, que passaram a manter os indivíduos em contextos cada vez mais instáveis. Assim, o sociólogo analisa detalhadamente os efeitos de tais mudanças estruturais para a subjetividade dos trabalhadores desta cultura. Sua investigação oferece elementos descritivo-analíticos centrais para o desenvolvimento deste trabalho.

Nova cultura do capitalismo

Sennett (2009) argumenta que a lógica capitalista que impera na geração atual abstém uma visão em longo prazo, obrigando que o jovem trabalhador espere mudar de emprego e de aptidão básica inúmeras vezes durante sua carreira. Embora essa flexibilidade apresente-se como liberdade, quando inserida nessa nova dimensão de tempo, compõe práticas que forçam os indivíduos a se dobrarem além do seu limite (Sennett, 2009).

É possível falar, então, em uma organização flexível como forma de controle, exercida por meio de três aspectos: (1) a reinvenção contínua de instituições, com mudanças drásticas de burocracia, regulamentos e formas de organização, com fusões e adoção da prática de “reengenharia”, buscando reduzir o número de trabalhadores e aumentar a produção; (2) a especialização flexível, que exige um trabalho especializado, como no modelo fordista, porém em outra lógica de tempo, obrigando uma adaptação a mudanças constantes e imprevisíveis; e (3) a concentração sem centralização, que consiste em atividades desenvolvidas em pequenas equipes, com diversas tarefas e metas de difícil cumprimento, sem orientação explícita e definida (Sennett, 2009).

Uma vez que essa nova forma de organização de trabalho contemporâneo tem em sua raiz uma

mudança na lógica temporal que leva a contextos de trabalho flexíveis e instáveis, Sennett (2009) denomina o trabalho contemporâneo de “flexitempo”. Um exemplo emblemático desse novo tipo de trabalho é o trabalho em casa, no qual o empregado tem uma maior autonomia sobre seu horário, por não ter que se apresentar em uma estrutura física. Contudo, a pressão da organização é maior porque o uso da tecnologia, como única forma de comunicação com o trabalhador, gera uma contabilização ainda mais rigorosa do horário e inserção de metas. Consequentemente, na lógica do “flexitempo” praticamente não há tempo liberado do trabalho, pois a atividade é orientada por prazos e metas que, muitas vezes, são impossíveis de serem cumpridos.

Em outras palavras, a lógica da nova cultura do capitalismo exige uma capacidade de lidar e prosperar com a mudança constante,

compreendendo a sua experiência profissional passada como não relevante para a execução de sua função (Sennett, 2009). Essa fragmentação impede os trabalhadores de construir compromissos, confiança e lealdade uns com os outros, uma vez que essas características exigem um longo tempo de convívio e estabilidade nas relações.

Outra característica notória do sistema capitalista contemporâneo diz respeito à busca da identidade pessoal em decorrência do trabalho. De um lado, as pessoas ainda “são fortemente impelidas a interpretar seu trabalho como refletindo sobre si mesmas, como indivíduo” (Sennett, 2009, p. 83). Por outro lado, o “flexitempo” dificulta que o trabalhador até mesmo defina suas qualidades pessoais em sua prática, o que muitas vezes é agravado pelo uso da tecnologia. Nesse contexto, o trabalho torna-se uma tarefa ilegível, no sentido de que o tra-

balhador acaba por não compreender mais o que está fazendo, e superficial, uma vez que está cada vez mais distante do produto.

O argumento de Sennett (2009) é que, ao passo que a estrutura flexível organiza o trabalho da contemporaneidade, ele também é regido pela lógica taylorista, já que a especialização de tarefas também exige pouco pensamento e julgamento dos trabalhadores. Essa atividade acrítica e indiferente do indivíduo explicaria a grande rotatividade de trabalhadores e a falta de interesse em aperfeiçoar seu trabalho.

Outro aspecto de uma estrutura capitalista flexível é a necessidade de correr riscos (Sennett, 2009), o que obriga o trabalhador a permanecer constantemente em estado de vulnerabilidade. Nessa lógica, qualquer pessoa tem a possibilidade de conseguir uma vaga de alta posição, porém com o risco de a qualquer momento sair

dela. A antiga pirâmide hierarquizada nos tempos tayloristas, em que os planos de carreira obtinham ascensão vertical, foi trocada por uma estrutura de deslocamento horizontal, porém, quem se arriscar a vencer, leva tudo de uma vez (Sennett, 2009). Assim, o risco torna-se uma operante legitimada, que governa muitas condutas dos trabalhadores hodiernos, mesmo que a realidade seja bem diferente.

As oportunidades são mínimas, e existe alto risco de falha, incluindo a desvalorização da experiência profissional passada. Em situações em que as transformações são lateralizadas, somadas aos salários ilegíveis e imprevisíveis, esse comportamento de correr risco é reforçado culturalmente, visto que, na sociedade atual, deixar de agir é sinônimo de passividade; a variedade de possibilidades de vencer na hierarquia aumentou tanto que evitar correr risco significa perder

algo, mesmo que os resultados provem o contrário.

Não obstante, o modo de vida atual, relativa à atitude de correr risco, exige uma necessidade de “agir imediatamente”. Para Sennett, isso significa ficar refém dos “dilemas do presente”, diante da impossibilidade ou até incapacidade de resolver um problema, o pensamento a longo prazo, tanto sobre o passado quanto sobre o futuro, torna-se obsoleto (Sennett, 2009). Sobreviver na cultura atual requer uma arte, que demanda condutas ainda mais flexíveis, como a superficialidade nos relacionamentos e a capacidade de julgar relações pré-estabelecidas, para assim poder tanto interpretar como comportar-se em diferentes papéis da empresa, em que o mais importante é o benefício a si próprio, mesmo no trabalho em grupo (Sennett, 2009).

Na visão do autor, como não há mais líderes na empresa, a própria equipe produz a opressão efetuada por um supervisor anteriormente, pois “Os vários grupos de trabalho eram coletivamente responsáveis pelos esforços individuais de seus membros, e as equipes criticavam umas às outras” (Sennett, 2009, p.135). Por esse motivo, a equipe é colocada no seu limite máximo, em que os trabalhadores delegam a responsabilidade uns aos outros, ao mesmo tempo em que retira a função do coordenador, considerado agora apenas um facilitador.

Há um deslocamento da responsabilidade do líder, enquanto um sujeito, para condições da nova cultura do capitalismo, como a mudança e flexibilidade. Os trabalhadores perdem a possibilidade de agenciar os novos acontecimentos que impactam diretamente suas vidas. Nessa direção, liberdade para adaptar, mudar e reorganizar o trabalho é

vista como vantagem, tendo foco apenas no momento imediato. Contudo, o salário não é suficiente para recompensar o sentimento de fracasso e a falta de coerência na narrativa para o futuro do trabalhador (Sennett, 2009). Logo, desenvolve-se um novo tipo de caráter fragmentado, em que “(...) age mas já não acredita no que faz, preservando-se sempre aberto a mudanças e oportunidades” (Sennett, 2009, p.138).

Nova cultura da academia

O conhecimento e a produção científica são práticas que muitas vezes possibilitaram a identificação direta do trabalhador com sua atividade. Por muito tempo a atividade acadêmico-científica foi vista como um ponto de resistência ao modelo social em vigência e uma forma de combater a alienação, por meio de análises críticas (Waters, 2006). No entanto, a atual instituição científica tem

tomado outro rumo. Waters (2006) afirma que os efeitos da Segunda Guerra foram alarmantes, e a universidade sofreu fortes mudanças em sua estrutura e dinâmica.

Atualmente, o investimento financeiro lidera toda atividade da academia, e não mais a religião ou a filosofia, como ocorria em períodos anteriores (Waters, 2006). A nova cultura da academia encontra-se em sincronia com o mercado econômico. Seu modo de organização tem se tornado cada vez mais consonante ao do setor privado, com diretrizes produtivistas e competitivas, e a exigência crescente de maior qualificação profissional (Borsoi, 2012). Assim, a atividade acadêmica tem reproduzido a lógica de trabalho da nova cultura do capitalismo, tornando-se uma tarefa ilegível, de alta exigência e de difícil cumprimento.

As metas de trabalho na universidade, sobretudo no contexto da pós-graduação, são estabelecidas por instituições financiadoras e impostas a professores e alunos sob a ameaça de perda de financiamento, corte de bolsas, rebaixamento ou fechamento de programas. Ao mesmo tempo, essas metas, mensuradas basicamente pela produção de artigos, são de impossível cumprimento, e não dispõem de uma orientação clara e definitiva sobre como cumpri-las, o que intensifica ainda mais a carga de trabalho (Borsoi, 2012).

É possível identificar a lógica da estrutura flexível abordada por Sennett (2009) no trabalho autônomo do docente, pois a própria casa do docente torna-se uma extensão da universidade. Waters (2006) corrobora esse ponto, argumentando que na Universidade se desenvolve um modo de viver que não reconhece mais os

limites entre o tempo de trabalho e o de não trabalho.

A produção científica, por ser tradicionalmente uma atividade não lucrativa, teve por muito tempo como foco a evolução do próprio conhecimento e, consequentemente, estava “fora de compasso com a marcha do tempo” (Waters, 2006, p. 19). Nesse contexto, a vida acadêmica era mais um chamado do que uma profissão, o que justificava a possibilidade de contrapor-se ao ritmo do sistema. Mesmo que muitos docentes ainda se sintam realizados em sua prática profissional, por sua contribuição para a sociedade e por sua relação com o aluno e sua pesquisa, a nova organização tem impedido cada vez mais o estabelecimento dessas contingências na vida profissional do professor universitário (Borsoi, 2012).

Uma consequência dessa mudança no trabalho científico-

acadêmico é que a qualidade das pesquisas tem decrescido, gerando um empobrecimento do discurso científico, falta de criatividade e originalidade. Nas palavras de Waters (2006):

O problema dos artigos ridículos que foram publicados pelos estudiosos das humanidades foi em parte resultado do grande número de publicações que se espera que eles próprios (e todos os acadêmicos) perpetrem em papel ou despejem uns sobre os outros, na forma de comunicações em congressos (Waters, 2006, p.24).

Os operários da época fordista tinham uma prática baseada em tarefas sem sentido e sem visão de resultado do trabalho. Hoje em dia, a prática do pesquisador compõe condições similares, uma vez que a produção de artigos cresce a cada ano, mas a recepção dos trabalhos não acompanha esse ritmo. Assim, a publicação acaba tornando-se um fim em si

mesmo, aliás, um fim inócuo. Waters (2006) argumenta que até as próprias editoras não têm mais a devida preocupação com a leitura dos trabalhos publicados. Os pesquisadores produzem muito, porém a academia corre risco de não entender mais o que está fazendo e de se tornar uma atividade acrítica. Nesse sentido, Waters (2006) constata que:

As publicações acadêmicas se tornaram tarefas em série, como as peças que rolam pelas esteiras de uma linha de montagem. A produção é ofuscada, do mesmo modo que a recepção de tais produtos. Olhe direto adiante, não para os lados. Senão, você pode distrair e não conseguir fazer o trabalho com os recursos e o tempo que tem. Os livros têm de ter poucas ideias, de modo que não alarmem seus leitores nem sobrecarregue a mente deles, se por acaso forem lidos. Sob tal regime, tudo o que é sólido derrete, como queijo para fondue. (Waters, 2006, p.46).

No âmbito internacional, as editoras passaram a ter todo o poder de julgamento nas universidades. Atualmente, um pesquisador é qualificado de acordo com a avaliação de editoras, e não mais por um consenso entre os docentes, que vivenciam a mesma rotina de trabalho (Waters, 2006).

Waters (2006) argumenta que, devido à estabilidade salarial, os docentes têm se acomodado em uma cultura da timidez, questionando cada vez menos a relação de poder com as editoras científicas, as quais detêm a capacidade de julgar a própria ciência. O problema consiste no fato de que o critério utilizado para definir uma pesquisa de qualidade pela academia é diferente do critério que as editoras consideram (Waters, 2006).

Para Waters (2006) há uma constante luta entre a burocracia das instituições acadêmicas e o livre curso das ideias, pois uma segue

em direção ao ritmo fordista e a outra está relacionada ao trabalho árduo e de longo prazo dos pesquisadores, algo que ocorre no contexto de pressão exercido pelas metas ilegíveis, vivido pelos estudantes de pós-graduação (Waters, 2006).

As características da nova cultura do capitalismo abordadas por Sennett (2009) têm se apresentado em alguns aspectos na academia. O sujeito da estrutura flexível não possui identificação com o trabalho nem relação com o produto final. Além disso, apesar de ser ofertada certa autono-

mia diante de sua atividade, o pesquisador é refém dos dilemas do presente e das exigências do trabalho, cujo produto é imaterial e geralmente inócuo (Sennett, 2009). Nesse contexto, o ensino do comportamento de pesquisar no âmbito da pós-graduação parece ser a chave da manutenção ou da ruptura com a lógica no novo capitalismo na universidade. Assim, as investigações de como os alunos de pós-graduação vivenciam a pesquisa pode mostrar o quanto a cultura do novo capitalismo tem sido fomentada ou criticada nos programas de mestrado e doutorado.

Método

A pesquisa, de natureza empírica exploratória, investigou o comportamento de pesquisa de alunos de um programa de pós-graduação à luz das discussões sobre a cultura do novo capitalismo.

Participantes

Participaram da pesquisa seis alunos, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, de um dos programas de pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá mais bem avaliados pela

CAPES no último triênio. Dentre os participantes, dois estavam cursando o mestrado (P4 e P5) e os demais estavam cursando o doutorado (P1, P2, P3, P6).

Instrumentos

Foi utilizado um roteiro de entrevista com oito questões abertas que versavam sobre diferentes aspectos do comportamento de pesquisa no âmbito da pós-graduação (Anexo 1).

Procedimentos

Os participantes foram recrutados por meio de um convite, via e-mail, e também por um folder no mural do departamento, com

apoio da Secretária da Pós-Graduação selecionada, na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Após a assinatura do TCLE, as entrevistas foram conduzidas individualmente, seguindo o roteiro de questões e gravadas em áudio. Em seguida as entrevistas foram transcritas na íntegra de modo a preservar o detalhamento das informações para análise posterior. Por fim, o conteúdo das entrevistas foi analisado de modo a avaliar eventuais aproximações com as características da nova cultura do capitalismo.

Resultados e discussão

Um contexto que dissocie a dinâmica do trabalhador com sua atividade laboral implica em consequências alarmantes na vida pessoal, além de prejudicar a

qualidade de sua produção. Dessa forma, a fim de compreender o contexto da pós-graduação atual, esta pesquisa analisou a relação

do estudante e o seu processo de pesquisa.

O comportamento de pesquisar é complexo, uma vez que envolve uma série de atividade entrelaçadas, tais como leitura, coleta de dados, análise dos dados, resultados, apresentação e publicação. Nesse contexto, há um relativo consenso acerca da função da publicação como um produto essencial do processo de pesquisa. No entanto, na estrutura da pós-graduação, a publicação foi além desse aspecto, estabelecendo-se como o único critério de avaliação do comportamento do cientista e do programa (CAPES, 2014). Logo, o pesquisador tornou-se refém da produtividade exigida pelas agências de fomento, uma exigência que cresce de forma exponencial e, portanto, inviabiliza qualquer tempo liberado do trabalho.

Tendo em vista o lugar central que a publicação ocupa na produção do conhecimento científico, poderia se esperar que ela controlasse grande parte das condutas de pesquisa. No entanto, a estrutura acadêmica encontra-se envolvida nos mesmos termos da nova cultura do capitalismo, gerando tarefas ausentes de sentido e sem contato com o processo do pesquisar. Estar circunscrito nesse cenário obrigará a pesquisador/a submeter-se a metas de impossível cumprimento, sem um modo claro de proceder, a mudanças constantes e imprevisíveis nos critérios de avaliação e à pressão interrupta mesmo na ausência de um “supervisor”.

Portanto, o comportamento da/o pesquisador/a está relacionado a altas metas, replicando a lógica do mercado econômico; e ao mesmo tempo trata-se de um processo de pesquisa que requer

um trabalho custoso e de longo prazo. Diante desse cenário, averigua-se que o que mantêm a atividade de pesquisar são alguns aspectos da nova cultura do capitalismo (Sennett, 2009) que controlam artificialmente o processo de pesquisar: cumprimento de regras e o investimento financeiro.

Isso tem tornado a publicação o único objetivo do processo de pesquisa, como mencionou P1: “... a função da publicação científica é satisfazer um critério de pesquisa do curso de pós-graduação e para alimentar uma ciência um pouco mais internacional”. Assim, a prática de pesquisar é mantida por condições alienadas e por consequências artificiais: “Minha motivação não foi científica... foi o conforto financeiro”; ou ainda: “... a exigência do curso pelas publicações é porque a gente recebe muito dinheiro nisso” (P1).

Dessa maneira, a pressão para manter o investimento financeiro faz com que a prática produtivista se torne incentivada no contexto da pós-graduação, pois “... a exigência do curso pelas publicações é porque a gente recebe muito dinheiro nisso.... E se a gente pega dinheiro público é obrigação devolver uma publicação decente” (P1). Isso gera uma sensação de responsabilidade social no pesquisador, por se tratar de um investimento público, mas a publicação dificilmente tem essa função de retribuir o que foi investido, uma vez que a quantidade é mais relevante que o conteúdo do que é publicado. Consequentemente, a publicação perde a função de divulgação do conhecimento produzido, como afirma P6: “... ou você se preocupa em publicar porque vai precisar passar em um concurso ou você faz essa transmissão para a sociedade”. Os artigos tornaram-se a moeda da

universidade, pois o “... país só é visto em número de pesquisas” (P3) e essa medida faz com que as publicações sejam a única forma de obter investimento financeiro e reconhecimento social. Além disso, a receptividade do que é publicado e o seu reconhecimento ocorrem de maneira deficitária e, portanto, não mantém o pesquisador trabalhando.

Esse distanciamento entre a atividade de pesquisar e suas consequências tem efeitos em diferentes contextos da pós-graduação. Há uma ruptura entre as atividades teóricas desenvolvidas no contexto de disciplinas do programa e atividades de pesquisa propriamente ditas: “...[as disciplinas] servem só para cumprir tabela” (P2). Esse descolamento entre aulas e pesquisas parece ser mantido pelos próprios professores: “Professores desestimulados que trazem para gente aulas que são

pouco atualizadas e não colocam a gente no foco” (P1). Consequentemente, as atividades de pesquisar e de ensinar tornam-se ausentes de sentido e função, exigindo um pensamento superficial para realizar uma tarefa considerada confusa pela falta de relação com seus efeitos.

Outra característica encontrada diz respeito à competição estabelecida na estrutura da pós-graduação. Trata-se de um tipo de contingência aversiva que tem orientado a atividade de professores e de alunos. Baseada em exigências inatingíveis, o pesquisador encontra-se na busca constante para atingir as metas de impossível cumprimento, considerando a publicação “...um processo meio doloroso porque existe uma exigência do programa para que publique cada vez em maior qualidade e quantidade. Então você tem essa pressão e essa pressão recai sobre os alunos dos

pós” (P2). Além disso, sob a rubrica de autonomia, o aluno não é devidamente ensinado, sobretudo no caso do doutorado: “... o aluno de doutorado já deve andar com suas próprias pernas” e “... e esta autonomia é parte do processo de formação de um aluno de doutorado” (P6). Assim, em muitos casos, a autonomia não é acompanhada de uma meta claramente definida, nem de uma orientação do itinerário que deve ser percorrido, tornando o pesquisar uma tarefa ilegível; nas palavras de P1: “Eu acho que eu teria uma produtividade muito maior porque eu precisei descobrir a rota em alguns momentos que poderiam ter sido evitados”.

Na medida em que as metas são de impossível cumprimento, o contexto da pós-graduação torna-se extremamente competitivo para o aluno-pesquisador, que agora exerce sobre si mesmo e sobre os colegas

uma pressão ininterrupta: “... são exigências bem altas. São exigências constantes feitas não só pelo orientador, mas pelos próprios colegas porque a gente trabalha com a diversidade, porque dentro do nosso departamento existem pessoas que publicam muito e existem pessoas que publicam nada” (P1).

Diante disso, os professores deveriam oferecer uma orientação consistente ao trabalho de pesquisa do aluno, de modo a amenizar as consequências aversivas dessa estrutura. Entretanto, um profissional inserido nessas condições deve “... dar conta de fazer todo o administrativo, todo o científico e todo o pessoal”, ou seja, “... coordenar o curso tem que participar da revista científica e conseguir dinheiro” (P1) e por isso sua vida passa a ser controlada quase que integralmente pelas exigências do programa. Não há espaço para

que a consequência natural da prática de ensinar seja estabelecida de forma imediata; somada ao excesso de atividades inócuas, isso gera uma falta de envolvimento por parte dos orientadores: “... porque ela [orientadora] não tem conteúdo para pensar nas consequências disso... ela esquece, ela não sabe que seus alunos fazem” (P1), o que evidentemente se reflete na formação dos futuros pesquisadores.

Como nas descrições de Sennett (2006), a pós-graduação funciona por meio de exigências inatingíveis, e requer do pesquisador uma capacidade de adaptação a mudanças abruptas de contingências, por exemplo, mudanças de critérios que exigem aprendizagem de coisas novas para alcançar o novo nível de produção. Os parâmetros de comparação e competição são diversos: entre colegas, entre professores, entre instituições e

até entre países: “Aqui nós somos praticamente 250 e a produção deles é maior que a nossa... então a produtividade é muito maior e com excelência e o esforço muito menor. Agora aqui você tem esse problema: a falta de dinheiro e a falta de tempo de você conseguir lidar com orientandos, né?” (P2).

Esse contexto de competição constante impossibilita que o pesquisador pare de agir, produzindo uma insatisfação constante com o seu próprio trabalho, que é vista pelos alunos como uma necessidade de sempre estar se atualizando: “Será que a gente vai publicar em uma revista assim? Então você tem que sempre estar estudando e lendo...” (P3). Há também a impressão de que tem sempre alguém na sua frente: “O fato de eu não ser a melhor publicadora... Eu já tenho cinco artigos, tem colegas que já estão com doze né?” (P1). Ao mesmo tempo, essas relações geralmente não são

discriminadas pelos alunos-pesquisadores: “... Eu percebo que na verdade a gente fica feliz quando o outro publica. Não tem competição não. Mas eu sei de outros que sim” (P6); “... a gente tem uma relação excelente, no meu laboratório é como se fosse uma família” (P2); “... você tendo trabalho em conjuntos é melhor e mais próspero do que trabalhar sozinho” (P4); “... junto a gente publica melhor qualidade do que separado competindo” (P2). Contudo, essa forma de cooperação entre os pesquisadores é mantida apenas para atingir os critérios do programa como um todo e favorecer o interesse de um grupo específico. Se alguém se recusar a trabalhar junto ou, mais especificamente, a colocar o nome da equipe na publicação de sua pesquisa, provavelmente será punido.

Como é de se esperar, o aluno-pesquisador inserido na nova

cultura do capitalismo tem um distanciamento de sua atividade de pesquisar, dificultando o processo de identificação com seu trabalho, o que se reflete em certo arrependimento como no caso de P1: “... eu não acho que as pessoas que estejam iniciando a ciência devam entrar no meu laboratório”. Como efeito dessas condições, alguns sentimentos e condutas indesejáveis acompanham o comportamento de pesquisar. Um contexto com pressão constante e sem sinais de interrupção força o indivíduo além do seu limite, podendo levar o pesquisador a uma conduta imoral, como no caso de adulterar os dados para atingir os objetivos impostos: “Porque a gente já está em um lugar que a falta de ética é muito grande, né? A gente é governada por pessoas que não têm ética, você vai pegar aquele dinheiro e investir certinho, você vai representar uma nota, você vai pegar aquele dado e você vai publicar certinho, seus dados não

foram significativos, mas você vai publicar de qualquer maneira sabe?” (P3). Além disso, estar sob esse tipo de pressão gera alguns sentimentos como ansiedade, esgotamento e depressão, como aponta P2 “... vários casos de depressão profunda, de pessoa que precisou de tratamento psiquiátrico, por conta de não saber lidar com a pressão”.

Percebe-se então que, no contexto da pós-graduação, as altas metas e critérios são estabelecidos por agentes externos, gerando comparação e competição no ambiente de trabalho. Na busca por manter o investimento financeiro do programa, o processo de

pesquisar é dissociado de suas consequências, transformando-se em tarefas ilegíveis e inócuas e distanciando o aluno de sua atividade de pesquisar.

Os ambientes de trabalho deveriam oferecer condições para que consequências intrínsecas ao próprio ato de pesquisar pudessem fortalecer o envolvimento dos cientistas, gerando um contato íntimo e direto com suas atividades laborais. No entanto, os efeitos distanciam-se de seus próprios modos de pesquisar, abrem espaço para que sejam controlados por agentes externos, entre os quais a pós-graduação está incluída.

Conclusão

De fato, a nova cultura do capitalismo tem sido reproduzida no contexto acadêmico, podendo ser

verificada pelos discursos e práticas dos pós-graduandos. O modelo econômico flexível, baseado

na lógica do mercado livre e na limitação do Estado, tem consequências diretas na subjetividade do pesquisador da universidade pública brasileira. Não apenas na intencionalidade de produzir subjetividades reguladas pela meritocracia e competitividade, mas também na função de modelar condutas, alicerçadas na ideia ilusória de autonomia e liberdade na sua produção científica.

Desse modo, a prática de pesquisar cada vez mais se distancia de ser um ato de resistência e de desenvolver ações contra condutas de um sistema opressivo. Isso porque os pesquisadores hodiernos reproduzem, nas relações com os outros e consigo mesmos, o que o modelo econômico lhes determina. Essa estrutura flexível, paradoxalmente, se estabelece de forma muito inflexível, quando se trata do livre curso das ideias. O ato de pesquisar só é reconhecido e legitimado pelas

suas quantificáveis publicações (Laurenti, 2013).

Se voltarmos para a história da ciência, podemos afirmar que muito do que foi produzido de relevante era feito sob condições como tempo, constância e, principalmente, erros. Desde o período dos pré-socráticos até a Idade Moderna, é possível perceber uma mudança na valorização do conhecimento. Os grandes pensadores que passaram por este período são conhecidos pela sua dedicação extrema à busca do conhecimento, uma vida inteira baseada em um sacrifício estoico em prol da evolução do conhecimento científico (Sennett, 2009). A velocidade das informações desse período possuía um ritmo diferente da velocidade atualidade, permitindo um tempo suficiente para desenvolver hábitos e um “suor” na dedicação dada a qualquer tema de estudo que fosse estipulado.

A universidade atual encontra-se em outros termos. A sociedade se transforma para a era do conhecimento, a era das incertezas, da instabilidade, na qual as leis não imperam, pois estabelece uma nova dimensão de tempo e de relação com a pesquisa. Esse cenário de crises e impossibilidades gerou um grande abismo para o que poderia se definir como conhecimento científico e, portanto, a forma de produzi-lo (Santos, 2011).

As transições no campo da ciência são relacionadas diretamente com seu contexto social; os progressos e retrocessos das mudanças da sociedade refletem direta e indiretamente na produção científica (Santos, 2011). O paradigma em crise está associado a modos de pesquisar inócuos, com falta de perspectiva futuras, transformando um trabalho intelectual em uma prática dissociada e produtora de sofrimento para si e para o outro.

A universidade deveria estabelecer um contexto que permitisse o livre curso das ideias, assim como possibilitar que o pesquisador se dedicasse com abrangência e profundidade a um tema. Além disso, deveria ser papel da universidade opor-se a sistemas sociais e econômicos injustos, que geram sofrimento desmedido e desnecessário. Nesse sentido, a reprodução da nova cultura do capitalismo na academia talvez seja um sinal de que ela tem sucumbido à irreflexão e que, portanto, não está cumprindo seu papel.

Na era da queda infalível da supremacia científica, assistimos no seu cerne também novas possibilidades de saber e conhecer. Um conhecimento democrático parte do pressuposto de que se devem eliminar relações assimétricas de poder de saberes e principalmente entre sujeitos que os produzem. Nesse ponto, alguns retrocessos podem significar progressos,

quando a atual crise da universidade brasileira aponta para os problemas de nossas soluções, as nossas contradições e denuncia a disparidade social. Estamos em transição de paradigmas, os vinhos novos não podem ser colocados em odres velhos. O trabalho mútuo, redes de compartilha-

mento recíprocas e a experimentação podem ser rotas imprescindíveis para nossos novos caminhos. Sobretudo, num contexto acadêmico que permita a produção de um conhecimento coerente com seus sujeitos epistêmicos.

Considerações finais

Este artigo convoca os pesquisadores a estarem mais conscientes das condições de trabalho – com as quais são submetidos na produção de conhecimento científico – e dos impactos em sua subjetividade.

A proposta aqui discutida se fez na tentativa de abrir passagem para uma academia “menor”

(Deleuze & Guatarri, 1975), cuja postura ética permita relacionar o desejo do pesquisador com a criação e os efeitos da atividade de pesquisar. Com marcadores de desempenho não menos informados ou rigorosos, mas uma academia em que possa habitar a produção de conhecimento compromissada com o cuidado de si e dos outros a sua volta.

Referências

Bauman, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Borsoi, I. C. F. (2012). Trabalho e produtivismo: saúde e modos de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 15, n.1.



CAPES. (2016, 5 de fevereiro). Planilha de notas finais Avaliação Trienal 2013 após reconsideração. 2014. Disponível em: <http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/resultados/planilha-deno-tas/1%20%20Planilha%20notas%20finais%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20Trienal%202013%20%20ap%C3%B3s%20reconsidera%C3%A7%C3%A3o.xls?attredirects=0&d=1>

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (1975). Kafka, pour une littérature mi-neure. Paris: Les Éditions de Minuit.

Laurenti, C. (2013). Sobre pesquisadores felizes e infelizes.... Psicologia em Estudo. v. 18, n. 4, p. 583-586.

Sennett, R. (2009). A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14. ed. Rio de Janeiro: Record.

Santos, B. (2010). Um discurso sobre as ciências. 16. ed. Porto: Edições Afrontamento.

Waters, L. (2006). Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: Editora da Unesp.

Recebido em: 27/04/2022

Aprovado em: 30/11/2022



Anexo 1

Roteiro da entrevista

- 1) Como se deu seu ingresso na pós-graduação? (Descreva desde o contato inicial com o programa até o resultado da seleção).
- 2) Como você chegou ao seu projeto de pesquisa? Ele foi apresentado por você na seleção do programa? Ele foi atribuído pelo seu orientador? (Avalie esse percurso: foi bom, poderia ser diferente?).
- 3) Como é para você o processo de pesquisa? (Descreva sua rotina na atividade de pesquisa e como se sente em relação a ela).
- 4) Como é sua relação com o orientador?
- 5) Como você avalia o processo de publicação? (Descreva se há pressão por parte do orientador, dos colegas ou de outras pessoas do programa. Mencione o(s) critério(s) para a inclusão de autores em uma publicação).
- 6) Em sua opinião, o que é ser um bom pesquisador? (Avalie se o que está sendo vivido na pós-graduação permite alcançar essa meta).
- 7) Você pretende continuar na carreira acadêmica? Por quê?

